

OS EGRESSOS DA FACULDADE DE ARQUITETURA MACKENZIE DO ANO DE 1954

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Gabriela Araújo dos Santos
Apoio: PIBIC CNPq

Felipe de Araújo Contier

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

gabrielaaraujo.santos@mackenzista.com.br
felipe.contier@mackenzie.br

RESUMO

A Faculdade de Arquitetura Mackenzie, criada em 1947, consolidou-se como uma das pioneiras no ensino da arquitetura em São Paulo, em um contexto de intensas transformações urbanas e culturais no pós-guerra. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa dedicada à turma de 1954, composta por cinquenta e sete egressos, a maior formada até então. A investigação baseou-se em coleta de dados em arquivos institucionais, registros profissionais, periódicos especializados e fontes bibliográficas, organizada em entradas biográficas que sistematizam a trajetória de cada arquiteto. O objetivo foi compreender a inserção dessa geração no panorama arquitetônico paulista e nacional, articulando suas trajetórias profissionais às discussões historiográficas sobre a consolidação da profissão e o ensino de arquitetura no Brasil. O estudo revela a diversidade de percursos dos egressos, que atuaram em escritórios privados e órgãos públicos, contribuindo para a modernização de São Paulo e a difusão de novos paradigmas projetuais. Ao iluminar esse conjunto, o trabalho reafirma a importância de abordagens que ampliem a historiografia para além das figuras consagradas, valorizando a pluralidade da prática profissional.

Palavras-chave: Egressos. Faculdade de Arquitetura Mackenzie. Trajetórias profissionais.

ABSTRACT

The Faculdade de Arquitetura Mackenzie, founded in 1947, established itself as one of the pioneering institutions in architectural education in São Paulo, within a context of intense urban and cultural transformations in the postwar period. This paper presents the results of a research project dedicated to the 1954 graduating class, composed of fifty-seven alumni, the largest cohort up to that time. The investigation was based on data collected from institutional archives, professional records, specialized journals, and bibliographic sources, organized into biographical entries that systematize the trajectory of each architect. The aim was to understand the insertion of this generation into the architectural panorama of São Paulo and Brazil, articulating their professional paths with historiographical debates on the consolidation of the profession and architectural education. The study reveals the diversity of trajectories of the alumni, who worked in private offices and public institutions, contributing to the modernization of São Paulo and the dissemination of new design paradigms. By shedding light on this group, the paper reaffirms the importance of approaches that expand historiography beyond canonical figures, valuing the plurality of professional practice.

Keywords: Alumni. Faculdade de Arquitetura Mackenzie. Professional trajectories.

1. INTRODUÇÃO

A Faculdade de Arquitetura do Mackenzie, criada em 1947 a partir da reestruturação do curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie (fundada em 1917), consolidou-se como uma das instituições pioneiras no ensino da arquitetura no Estado de São Paulo e no Brasil. Sua fundação ocorreu em um contexto de expansão urbana, transformações culturais e debates intensos sobre o papel do arquiteto na sociedade brasileira do pós-guerra. Ao longo de sua consolidação, a escola abrigou a convivência (por vezes tensa) entre a tradição acadêmica de matriz beaux-arts, herdada da formação de seu fundador e primeiro diretor, Christiano Stockler das Neves, e as influências do Movimento Moderno, que ganhavam força no país e se disseminavam por meio de revistas especializadas, concursos e redes profissionais.

O ano de 1954, recorte temporal deste estudo, situa-se em um momento importante para a arquitetura brasileira. Nacionalmente, discutia-se a consolidação de um vocabulário moderno adaptado às condições locais, com atenção às especificidades climáticas, aos recursos materiais disponíveis e às tradições construtivas (BRUAND, 1991). Em São Paulo, o processo de verticalização e a ampliação da malha urbana dialogavam com a produção arquitetônica e urbanística, gerando demandas diversificadas para os profissionais, inclusive aos recém-formados (SEGAWA, 1997). A capital paulista tornava-se um polo de oportunidades, onde a arquitetura se articulava a um projeto de modernização mais amplo, sustentado pela industrialização e pela consolidação de instituições representativas como o Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo (IAB/SP). Esse panorama se relacionava ainda com uma efervescência cultural marcante: a fundação do Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 1947, do Museu de Arte Moderna (MAM) em 1948, a publicação de novas revistas especializadas como a *Pilotis* (1949) e a *Habitat* (1950), além da instituição da Bienal de São Paulo em 1951, eventos que influenciaram diretamente a formação dos estudantes de arquitetura e favoreceram a circulação das ideias modernas.

No âmbito institucional, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie (FAM) desempenhava papel importante ao oferecer uma formação que integrava conteúdos técnicos, uma vez que sua origem estava ancorada na Escola de Engenharia do então Mackenzie College (EEM) e premissas artísticas, preservando o ensino do desenho como ferramenta central de raciocínio projetual e expressão arquitetônica, trazidas por Christiano Stockler das Neves.

Estabelecida nesse contexto híbrido, a turma de 1954 da FAM diplomou cinquenta e sete arquitetos que, ao longo de suas trajetórias, atuaram em campos diversos: do projeto arquitetônico e urbanístico à docência, passando pela gestão pública e por atividades correlatas como design de interiores e paisagismo. Entre eles, destaca-se a figura de grande projeção nacional e internacional, Paulo Archias Mendes da Rocha, ganhador do maior prêmio da arquitetura mundial, o prêmio Pritzker, pelo conjunto de sua obra, e outros cujas contribuições, embora menos exploradas na historiografia, tiveram relevância expressiva, como Abelardo Gomes de Abreu, Marcelo Breyne da Silveira e Rodney Guaraldo. Abaixo a lista completa com todos os nomes:

Figura 1: Lista de egressos pesquisados

Egressos de 1954	
1 Abelardo Gomes de Abreu	30 Jose Wilson Carneiro
2 Adolpho Droghetti Netto	31 Julio Ferraz Braga Junior
3 Alberto Rubens Botti	32 Kurt Hollander
4 Alfredo de Divitiis	33 Luiz Carlos Miranda Lopes
5 Alfredo Gatti Filho	34 Luiz Gonzaga Ribeiro
6 Alfredo Serafino Paesani	35 Manoel da Silva Martins Junior
7 Aluizio José Rosa Monteiro	36 Marcelo de Breyne Silveira
8 Anthero Leitão	37 Mario Simões Barbosa
9 Antonio C. Cablas	38 Mauricio Hachem
10 Ary Pedro Balieiro	39 Miguel Rinalvo Leite
11 Bernardo José Castello Branco	40 Ney de Carvalho Marcondes
12 Carl G. N. Essich	41 Nicolino Famá
13 Carlos A. H. Bailão	42 Nilson Pereira Lopes
14 Carlos de Arruda Keller	43 Palmyra Noronha do Nascimento
15 Carlos Darwin Salles de Araújo	44 Paulo Archias Mendes da Rocha
16 Chafic Miguel Jorge	45 Paulo de Oliveira Amaral
17 Cléa Anna Maria Lentini	46 Pedro Torrano
18 Dalton Palumbo de Abreu	47 Raul Affonso Camargo Fagundes
19 Fernando Augusto Amaral Nunes	48 Raul Ekman Simões
20 Francisco Denapoli	49 Renato Amatruda de Carvalho
21 Gilberto Dutra	50 Rodney Guaraldo
22 Hoover Américo Sampaio	51 Rubens Pamplona
23 Herszech Diamont	52 Sócrates Droghetti Lameiro Junior
24 Hildebrando Cuschnir Utchitel	53 Ubirajara Mota Lima Ribeiro
25 João Baptista de Araújo Camargo	54 Wadih Adas
26 João Eduardo De Gennaro	55 Waldyr Rubens Hungria da Silva
27 Jorge Ballan	56 Wilson Garcia Ramos
28 Jorge Nasser	57 Zacharias Abramczyk
29 Jose Buazar Neto	

A expansão numérica dos formados a partir da década de 1950, em comparação às primeiras turmas, é expressiva: entre 1947 e 1950 a FAM diplomou 27 alunos, mas entre 1951 e 1956 foram 245, número quase duas vezes superior ao da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAUUSP) no mesmo período, evidenciando tanto a procura crescente pelo curso quanto a rápida expansão da faculdade (ALVIM; ABASCAL; ABRUNHOSA, 2017). Em 1954, por si só, os cinquenta e sete alunos diplomados, são mais do que o dobro do total reunido pelas quatro primeiras turmas. Essa expressividade da turma de 1954 se insere, portanto, em um movimento mais amplo de expansão do ensino de arquitetura, caracterizado pela crescente demanda por formação especializada e pela ampliação das vagas também em outras instituições, processo que se intensificaria ao final da década de 1950 e culminaria em reformas e novos edifícios universitários, como analisado por Felipe de Araujo Contier em seu estudo sobre o edifício da FAUUSP na Cidade Universitária (CONTIER, 2018).

Com este cenário assimilado, a pesquisa permitiu chegar em constatações relevantes como a presença marcante de diversos egressos em cargos e gestões do IAB/SP, participação ativa no serviço público, com contribuições em órgãos de planejamento e execução de obras, e importante atuação na docência, tanto em instituições de ensino superior quanto em escolas técnicas. Alguns dos egressos executaram diversas dessas frentes concomitantemente. Esses elementos apontam para uma geração que, além de projetar, esteve profundamente envolvida na formulação de políticas urbanas, na formação de novos arquitetos e no fortalecimento das instâncias representativas da profissão. Trata-se, portanto, de um estudo que não se restringe à história institucional da FAM, mas se insere na perspectiva da história social da profissão, interessada em compreender padrões coletivos, formas de engajamento e relações entre ensino, prática e campo cultural.

Dessa forma, este artigo apresenta-se como um desdobramento do produto principal da pesquisa, constituído pela elaboração de resumos biográficos sobre cada um dos cinquenta e sete egressos formados em 1954. Aqui, o material produzido é reorganizado de forma analítica, de modo a observar as trajetórias individuais a fim de elucubrar os padrões coletivos que emergem do grupo.

O formato adotado para apresentar esses textos biográficos foi inspirado no trabalho de Sylvia Ficher em *Os Arquitetos da Poli* (2005), especialmente na forma sintética e organizada com que reúne informações objetivas sobre formação, atuação e obras, permitindo ao leitor uma leitura comparativa entre casos distintos. Essa inspiração, contudo,

não implica adoção metodológica idêntica, já que o presente estudo desenvolveu seus próprios procedimentos de coleta e sistematização de dados, inserindo-se em um projeto maior intitulado “Professores e egressos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947-1956) acervos e trajetórias”, aprovado pelo Programa Institucional de Projetos de Pesquisa (PIPeq) da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que prevê produtos futuros como plataforma digital, livro e a salvaguarda de acervos em instituições arquivísticas.

O estudo das trajetórias da turma de 1954, portanto, articula duas dimensões: uma análise histórica, ancorada no contexto institucional e na conjuntura arquitetônica e urbana da época, e uma dimensão de organização e apresentação dos dados, que busca favorecer leituras coletivas e comparativas sem perder de vista as especificidades individuais. Ao fazê-lo, este artigo propõe-se a contribuir para a historiografia da arquitetura paulista, destacando o papel da Faculdade de Arquitetura Mackenzie na formação de profissionais capazes de responder a um período de rápidas mudanças técnicas e culturais. Além disso, insere-se no debate mais amplo sobre as relações entre ensino, profissão e cultura arquitetônica no Brasil.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A análise da turma de 1954 da FAM requer, como ponto de partida, uma revisão da historiografia sobre a arquitetura moderna no Brasil. Somente ao compreender o ambiente cultural, político e acadêmico no qual esses arquitetos se formaram é possível situar sua atuação profissional e a possível relevância para a consolidação da disciplina no país. O esforço, portanto, é o de articular uma narrativa que parte de leituras gerais sobre a modernidade arquitetônica brasileira até chegar às condições específicas da formação em São Paulo no início da década de 1950.

Em 1956, Henrique Mindlin publicava *Arquitetura Moderna no Brasil*, obra pioneira ao sistematizar a produção moderna nacional e apresentá-la em perspectiva internacional. Seu olhar contemporâneo aos acontecimentos ressaltava que, embora o Rio de Janeiro tivesse se afirmado como vitrine de uma modernidade de escala monumental, São Paulo emergia como centro dinâmico de experimentações, em sintonia com a lógica de uma metrópole em plena expansão. A importância desse registro está no fato de ser a primeira tentativa de situar a arquitetura brasileira em diálogo com o cenário mundial, reconhecendo a pluralidade de centros produtores ainda em meio ao processo em curso e na proximidade da

data de publicação com a entrada nos egressos de 1954 no mercado de trabalho como arquitetos.

Décadas mais tarde, Yves Bruand, em *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1981, trad. 1991), ofereceu uma interpretação historiográfica mais abrangente do movimento moderno no país. Para ele, a arquitetura moderna brasileira deveria ser compreendida como fenômeno artístico autônomo, vinculado a um projeto de identidade nacional. Sua leitura consolidou a imagem de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa como protagonistas de uma narrativa que situava o Rio de Janeiro como berço da modernidade brasileira, estabelecendo uma hierarquia que orientou grande parte da historiografia posterior.

Essa perspectiva foi ampliada ainda nos anos 1990 por Hugo Segawa, em *Arquiteturas no Brasil 1900–1990* (1997). Ao contrário de privilegiar a narrativa da modernidade a partir de um eixo estilístico ou geográfico único, Segawa enfatizou sua natureza múltipla, marcada por vetores regionais e atravessada por tensões políticas, institucionais e profissionais. São Paulo, em sua análise, desempenhou papel decisivo ao associar a modernidade arquitetônica à industrialização, ao crescimento urbano e à atuação de agentes privados, como incorporadores e construtoras. Dessa forma, a cidade se transformou, nas décadas de 1940 e 1950, em laboratório privilegiado para a difusão da linguagem moderna em habitações, edifícios comerciais e equipamentos públicos.

Alberto Xavier, Carlos Lemos e Eduardo Corona também contribuíram para complexificar o entendimento da modernidade, chamando a atenção para as dimensões do cotidiano, da prática construtiva e da difusão de novos materiais. Para eles, o movimento moderno em São Paulo não se limitou a obras icônicas, mas permeou a produção arquitetônica em múltiplas escalas, do edifício unifamiliar às iniciativas públicas de urbanização. Esse enfoque amplia o horizonte da historiografia e se aproxima da perspectiva metodológica deste trabalho, voltada a valorizar a pluralidade das trajetórias dos egressos, incluindo aqueles cuja produção não recebeu tanta atenção na historiografia tradicional.

No plano cultural, a cidade de São Paulo se consolidava, nas décadas de 1940 e 1950, como metrópole e polo irradiador de novas práticas artísticas. A fundação do MASP, em 1947, sob direção de Pietro Maria Bardi e Lina Bo Bardi, representou não apenas a criação de um espaço expositivo, mas a introdução de um modelo de circulação internacional de obras e ideias. Pouco depois, em 1948, foi criado o MAM, igualmente comprometido com a promoção de debates estéticos de vanguarda. Essas instituições, associadas ao lançamento

da revista da *Pilotis* (1949) e da revista *Habitat* (1950), sendo a primeira organizada pelos próprios estudantes do Mackenzie, forneceram aos jovens arquitetos uma ambiência cultural única, na qual a prática profissional dialogava com artes plásticas, design e crítica cultural.

A Bienal Internacional de Arte de São Paulo, inaugurada em 1951 e já em sua segunda edição em 1953, reforçou esse caráter cosmopolita. Como observa Paula Gorenstein Dedecca (2012), as revistas de arquitetura e os eventos culturais foram plataformas cruciais de legitimação, permitindo que a arquitetura paulista se inserisse em redes transnacionais de reconhecimento. Essa difusão se materializava também em periódicos especializados como *Acrópole*, que desde os anos 1930 se consolidara como principal veículo de divulgação da arquitetura brasileira, acompanhando a produção de jovens escritórios e debatendo o papel social do arquiteto.

O trabalho de Dedecca é particularmente útil para a compreensão da turma de 1954, pois revela como os estudantes estavam imersos em um ambiente de intensa circulação de informações, ideias e imagens. Diferentemente de gerações anteriores, que tinham acesso limitado a referências internacionais, os alunos encontraram nas mídias especializadas e nos eventos culturais um repertório amplo de possibilidades. Isso significa que, ainda antes de ingressarem no mercado profissional, já se viam confrontados com debates sobre identidade nacional, difusão da linguagem moderna e papel social do arquiteto.

Outro marco inescapável desse contexto é o IV Centenário de São Paulo, celebrado em 1954. A data mobilizou concursos, obras e comemorações que transformaram o espaço urbano e demandaram intensa atuação de arquitetos e engenheiros. Como lembra Raul Juste Lores (2024), o setor imobiliário encontrou nesse momento terreno fértil para a verticalização, fomentando uma verdadeira “revolução modernista” no mercado da construção civil. Para os egressos do Mackenzie College, o IV Centenário representou não apenas um pano de fundo simbólico, mas também uma oportunidade concreta de inserção profissional, na medida em que ampliou a demanda por obras públicas, como o Parque do Ibirapuera.

Esse conjunto de fatores, a difusão da arquitetura moderna como uma linguagem nacional, o fortalecimento de São Paulo como polo cultural e a intensificação das oportunidades profissionais pelo IV Centenário, ajudou a estruturar o contexto no qual a turma de 1954 se formou. Os autores clássicos e os estudos recentes convergem ao indicar

que a década de 1950 representou momento de transição: de um modernismo centrado em poucos nomes, para uma modernidade plural, marcada pela institucionalização do ensino e pela ampliação do mercado profissional. É justamente nesse movimento que se insere a contribuição da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e de seus egressos.

Se, no plano nacional e cultural, a década de 1950 se caracterizou pela consolidação da arquitetura moderna e pela ampliação dos circuitos de legitimação profissional, no plano institucional é preciso destacar a criação das faculdades autônomas de arquitetura. Em São Paulo, a fundação da FAM, em 1947, e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), em 1948, constituiu momento decisivo para a afirmação da disciplina, permitindo que a formação dos arquitetos se desse em escolas próprias e não mais como anexos às engenharias.

No caso do Mackenzie, Angélica Alvim, Eunice Abascal e Eduardo Abrunhosa (2017), em *Arquitetura Mackenzie 100 anos / FAU-Mackenzie 70 anos*, demonstram como a criação da faculdade esteve diretamente ligada ao crescimento da demanda por arquitetos em São Paulo e à necessidade de dar autonomia a um ensino que, até então, era ministrado no âmbito da Escola de Engenharia. Sob a direção de Christiano Stockler das Neves, a FAM herdou uma tradição fortemente marcada pela formação acadêmica de matriz clássica, na qual o desenho, a composição e o conhecimento das ordens continuavam a desempenhar papel central. Essa herança, entretanto, não se constituiu apenas como permanência institucional, mas serviu de pano de fundo para os debates em torno da modernidade, tensionando o ensino entre a solidez acadêmica defendida pela direção e as inquietações modernas que mobilizavam parte dos alunos.

Sob a direção de Christiano Stockler das Neves, a FAM estruturou-se segundo uma tradição de matriz clássica, marcada pelo desenho, pela composição e pelo estudo das ordens (ABRUNHOSA; BREIA, 2017). Essa orientação, derivada de sua formação na *University of Pennsylvania*, foi conduzida com firmeza e, não raras vezes, gerou tensões diante da emergência da arquitetura moderna no Brasil. Mais do que simples resistência estilística, a posição de Stockler também pode ser entendida como a defesa de um modelo acadêmico baseado no rigor formal e na disciplina, em um momento em que novos repertórios começavam a conquistar espaço.

Em contraste, a FAUUSP, criada em 1948, teve inicialmente a direção de Anhaia Mello, que estruturou o curso com ênfase no urbanismo e na articulação entre técnica, estética e

compromisso social. Nos anos seguintes, a escola consolidou-se sob a influência de Vilanova Artigas, cuja atuação docente e cuja produção projetual foram decisivas para a formação de uma pedagogia voltada à integração entre teoria e prática e ao engajamento social do arquiteto. Felipe Contier (2015), em seu estudo sobre o edifício da FAUUSP, mostrou como a própria arquitetura do edifício projetado por Artigas em 1961 e inaugurado em 1969 materializou esses princípios pedagógicos: a planta livre, a centralidade do ateliê e a ausência de compartimentações expressavam uma concepção de ensino coletivo e democrático.

Em resumo, na década de 1950 coexistiam em São Paulo duas instituições de formação arquitetônica com perfis distintos. A Faculdade de Arquitetura do Mackenzie College, sob a liderança de Christiano Stockler das Neves, buscava representar uma tradição acadêmica voltada à formação sólida e ao rigor formal, ainda que permeável às influências modernas. Em contraponto, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo emergia como espaço de contestação e inovação pedagógica, orientada por Vilanova Artigas e seus pares. Essa complementaridade entre as duas escolas foi fundamental para o desenvolvimento da arquitetura em São Paulo, garantindo pluralidade de formações e o diálogo entre diferentes concepções de prática profissional.

Esse panorama institucional, contudo, não esgota a complexidade da formação arquitetônica paulista nos anos 1950. Para além das diferenças entre Mackenzie e FAUUSP, o ambiente acadêmico e profissional foi igualmente moldado por fluxos migratórios e pela inserção de estudantes de origens variadas, que trouxeram novas referências culturais e técnicas.

Logo, outro aspecto fundamental desse período foi a presença de estudantes e arquitetos imigrantes na cena paulista. Anat Falbel (2016), em seus estudos sobre arquitetos estrangeiros no Brasil, ressaltou como a vinda de profissionais europeus contribuiu para diversificar o campo arquitetônico. Esses imigrantes trouxeram não apenas novas linguagens formais, mas também metodologias de ensino e de prática profissional, que se disseminaram pelas escolas e pelos escritórios. Na turma de 1954 há estrangeiros como Kurt Hollander e filhos de imigrantes como Alfredo de Divitiis, Chafic Miguel Jorge, Jorge Ballan, entre outros.

Não se deve esquecer, também, que a formação no Mackenzie se dava em diálogo com a realidade concreta da cidade de São Paulo. O crescimento demográfico e a expansão

territorial criavam demandas imediatas por habitação, infraestrutura e equipamentos públicos. Como Abrunhosa e Breia (2017) citam a formação dos arquitetos não se restringia ao campo acadêmico, mas estava intrinsecamente ligada às condições sociais e econômicas da metrópole. Assim, esses arquitetos recém-formados encontraram um mercado que não os desejava apenas para desenhar edifícios, mas para atuar em um cenário em transformação, no qual o arquiteto assumia funções múltiplas e complexas.

Nesse sentido, compreender a formação e a inserção profissional desses egressos implica também reconhecer como suas trajetórias se articularam às transformações mais amplas da cidade e da profissão. É a partir dessa relação entre contexto histórico e percursos individuais que a pesquisa aqui apresentada encontra seu fundamento, permitindo situar a turma de 1954 não apenas como resultado de um processo formativo, mas como agente ativo no cenário arquitetônico paulista e brasileiro.

Diante desse panorama, este artigo apresenta-se como uma derivação do produto principal, a elaboração de textos biográficos sobre os cinquenta e sete egressos da turma de 1954. Enquanto os verbetes buscaram registrar de modo sistemático a trajetória profissional de cada arquiteto, aqui o esforço concentra-se em compreender o conjunto, explorando a relevância historiográfica da turma e articulando suas trajetórias às discussões sobre o ensino e a prática da arquitetura no Brasil do pós-guerra.

Encerrada essa breve revisão do contexto histórico e institucional, cabe explicitar o caminho metodológico que orientou a pesquisa. O produto principal consistiu na elaboração de textos biográficos sobre os 57 egressos formados em 1954, construídos a partir do levantamento de documentos acadêmicos, periódicos especializados, registros institucionais e acervos particulares. Este artigo, portanto, apresenta-se como uma derivação desse esforço, propondo não a reconstituição individual das trajetórias, mas a sistematização e análise do conjunto, de modo a evidenciar as contribuições dessa geração para a arquitetura brasileira.

Exige explicitar um método capaz de articular coleta de dados, padronização descritiva e leitura coletiva do conjunto, sem dissolver as singularidades. A estratégia adotada insere-se na tradição prosopográfica, tal como sistematizada em estudos de mapeamento de carreiras (FICHER, 2005), e dialoga diretamente com a experiência metodológica já testada na investigação dos primeiros egressos do Mackenzie (SANTOS; CONTIER, 2024). Em linhas gerais, o procedimento se desdobra em quatro movimentos encadeados: delimitação

do objeto, levantamento das fontes, organização e padronização dos dados e síntese analítica por meio das entradas biográficas.

A determinação do objeto partiu de um critério objetivo: incluir exclusivamente os nomes que constam como diplomados em 1954 pela Faculdade de Arquitetura Mackenzie. A delimitação dessa lista foi conduzida com base em registros fornecidos no trabalho de Célio Pimenta et al. (2008) e Abrunhosa (2016). A preocupação na etapa de definição foi dupla: de um lado, evitar falsos positivos (homônimos, grafias duplicadas, transferências não concluídas); de outro, reconhecer variações ortográficas correntes em nomes próprios, sobretudo entre sobrenomes estrangeiros, anotando-as como equivalentes e preservando sempre a forma encontrada na fonte consultada, sem “corrigir” a grafia em um primeiro momento.

O levantamento de fontes combinou amplitude e rigor crítico, apoiando-se em diferentes naturezas documentais. Entre as fontes institucionais, destacam-se as fichas acadêmicas da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e o acervo do Centro Histórico da própria universidade. Fontes de caráter genealógico, como *FamilySearch* e Cadastro de Falecidos no Brasil, auxiliaram na confirmação de dados pessoais e de trajetória de vida. No campo da imprensa e dos periódicos especializados, foram consultados o *Diário Oficial*, a *Folha de S. Paulo*, o *Estado de S. Paulo*, a Hemeroteca Nacional, a revista *Acrópole* e o Índice da Arquitetura Brasileira, fundamentais para identificar concursos, premiações e trajetórias profissionais. Recorreu-se também ao Google Acadêmico, que orientou a localização da bibliografia ativa e passiva utilizada como apoio interpretativo, sempre confrontada com documentos primários. O processo de coleta incluiu o registro das condições de cada fonte e das lacunas encontradas, tratando a ausência de informação não como falha, mas como dado revelador das assimetrias de visibilidade e preservação documental.

Para garantir rastreabilidade, cada egresso recebeu uma pasta digital nominal na qual se concentrou a documentação bruta e um arquivo com uma breve descrição de cada documento coletado. A pasta é o repositório de tudo o que foi coletado e preserva o estado original das informações, inclusive grafias, datas e abreviações, exatamente como aparecem nas fontes. Junto da criação das pastas, três planilhas foram criadas com os objetivos de: a) controlar as fontes já consultadas; b) registrar as etapas do processo já concluídas (como pesquisas, redação preliminar, redação final, edição e formatação); e c) contabilizar dados-chaves para compreensão do conjunto de egressos, sendo esses dados: empresa própria

ligada a arquitetura, exercício de docência, trabalho como servidor público, participação em gestão do IAB e prêmios e concursos.

O passo seguinte foi estabelecer regras de padronização que não alterassem a integridade das fontes. Em nomes próprios, adota-se a forma predominante encontrada, mantendo o registro de variantes no arquivo com as breves descrições. Em topônimos, adota-se a forma contemporânea, registrando a designação histórica aparecida na fonte, se diferente. Em obras e projetos, evita-se “atribuição” sem comprovação; nos casos de autoria provável, o dado é qualificado como hipótese. Em todas as transcrições, manteve-se o princípio da neutralidade descritiva: nenhuma inferência interpretativa é introduzida na fase de coleta, nem mesmo na fase de elaboração dos textos biográficos.

A redação dos textos seguiu uma estrutura comum (identificação; formação; atuação e redes; produção; referências), mas com flexibilidade para acolher especificidades de cada trajetória. O tom é descritivo: fiel às fontes documentais, mas atento a padrões que emergem do conjunto (mudanças de setor, parcerias persistentes, recorrência em concursos, circulação entre interior e capital). Como no estudo precedente sobre 1947–1950, manteve-se o princípio de transcrição sem juízo de valor na apresentação de dados factuais, reservando ao artigo, como gênero distinto, o lugar das hipóteses e da costura historiográfica (SANTOS; CONTIER, 2024). Em termos das referências ao final de cada texto, adotou-se padrão semelhante ao utilizado por Sylvia Ficher, no qual o nome do autor (ou fonte, quando esse não está explícito) precede o ano de publicação e a respectiva descrição. Quando uma mesma fonte apresentava mais de uma entrada para o mesmo ano, estas eram diferenciadas por letras sobrescritas.

Figura 2: Texto biográfico de Maurício Hachem

MAURÍCIO HACHEM

Fortaleza, CE, 29 mai. 1929 – São Paulo, SP, 25 dez. 2016

Mauricio Hachem formou-se arquiteto pela Faculdade de Arquitetura Mackenzie em 1954. Antes de ingressar na faculdade, cursou o ensino secundário no Colégio do Liceu Eduardo Prado.

Descendente de imigrantes libaneses, desenvolveu uma trajetória profissional marcada pela atuação empresarial e autônoma. Ainda nos anos 1950, foi diretor de duas empresas do setor têxtil: as Indústrias de Tecidos Lafayette Ltda. e a Tecelagem Santa Cruz Ltda. (INDÚSTRIA DE TECIDOS LAFAYETTE LTDA., s.d.; DIÁRIO OFICIAL, 1959^b, p. 10). Atuou também como perito de imóveis (DIÁRIO OFICIAL, 1961, p. 21).

Dedicou-se à incorporação e construção de edifícios, comumente por meio de sua própria construtora. Projetou o Edifício Parque Esplanada, de uso misto, localizado no bairro da Liberdade (REVISTA ACRÓPOLE, 1959^a, p. 226). Em 1966, foi responsável pelo projeto, construção e incorporação do Edifício São Severino, prédio residencial situado na Avenida Francisco Matarazzo, no bairro de Perdizes (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1966). Nesse mesmo ano, fundou com seu irmão Francisco Hachem a Imobiliária Lafayette (DIÁRIO OFICIAL, 1966; O ESTADO DE SÃO PAULO, 1966).

FONTES**DIÁRIO OFICIAL**

1961 Despachos da 6^a Vara. São Paulo, p. 21, 30 dez.

1966 Imobiliária Lafayette Ltda. Contrato Social. São Paulo, 25 mai.

INDÚSTRIA DE TECIDO LAFAYETTE LTDA.

s.d. Ficha de controle (breve relato) Sociedade por quotas. Junta Comercial do Estado de São Paulo. São Paulo.

O ESTADO DE SÃO PAULO

1966 Edifício São Severino, p.21, 09 nov.

REVISTA ACRÓPOLE

1959^a Edifício de apartamentos. São Paulo, n. 246, p. 226, abr.

1959^b Tecelagem Santa Cruz Ltda. São Paulo, n. 138, p.10, 23 jun.

Fonte: Autoral, 2025.

A partir das entradas, passaram-se a realizar leituras transversais: contagem de frequências (participação em órgãos públicos, presença em concursos, envolvimento com docência), identificação de redes de sociabilidade (coautorias, sociedades profissionais, repetições de parceria entre colegas da própria turma), reconhecimento de áreas de

concentração (habitação, edifícios institucionais, equipamentos escolares, projetos de urbanização) e observação de trajetórias de mobilidade (entre capital e interior, entre setor privado e estatal). Esses cruzamentos não substituem a biografia individual; pelo contrário, devolvem às biografias o horizonte coletivo no qual ganham inteligibilidade, uma vez que atua como matriz relacional para compreender escolhas, oportunidades e tendências de época.

A análise dos dados revela que a maioria dos egressos permaneceu na cidade de São Paulo, exercendo atividades profissionais diretamente relacionadas à sua formação. Entretanto alguns dos egressos as cidades de São Vicente e Santos destacam-se por ter obras de ao menos cinco deles: Abelardo Gomes de Abreu, Carlos A. H. Bailão, Marcelo de Breyne Silveira, Raul Ekman Simões e Ubirajara Motta Lima Ribeiro.

Em relação a parcerias, evidencia-se a parceria entre Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro, que ainda recém-formados dividiram escritório e em 1961 uniram-se para participar do concurso para o projeto de um ginásio para o Clube Atlético Paulistano, os Gennaro e Mendes da Rocha venceram o curso e por anos foram parceiros em projetos de diversas tipologias. Uma outra parceria de destaque é de Alberto Rubens Botti e Marc Rubin (FAM, 1955), Botti e Rubin formaram sociedade logo após a formação de Marc e durante mais de cinco décadas projetaram diversos edifícios em todo Brasil, como foco na cidade de São Paulo, onde no início dedicaram-se aos edifícios residenciais e consagraram-se ao projetar importantes edifícios corporativos.

Quanto ao setor de atuação, ao menos dezoito profissionais¹ se dedicaram ao serviço público, especialmente na Secretaria de Obras da Cidade de São Paulo e para o Departamento de Obras Públicas do Estado. No setor privado, pelo menos quatorze² dos egressos tiveram empresas próprias ou formaram sociedade, atuando em arquitetura, seja como projetistas e/ou construtores.

¹ Adolpho Droghetti Netto, Alberto Rubens Botti, Anthero Leitão, Ary Pedro Balieiro, Bernardo José Castello Branco, Dalton Palumbo de Abreu, Francisco Denapoli, Gilberto Dutra, Hildebrando Cuschnir Utchitel, Luiz Carlos Miranda Lopes, Nicolino Famá, Nilson Pereira Lopes, Palmyra Noronha do Nascimento, Paulo Archias Mendes da Rocha, Pedro Torrano, Raul Affonso Camargo Fagundes, Rubens Pamplona e Waldyr Rubens Hungria da Silva.

² Abelardo Gomes de Abreu, Adolpho Droghetti Netto, Alberto Rubens Botti, Ary Pedro Balieiro, Bernardo José Castello Branco, Carlos A. H. Bailão, Hoover Américo Sampaio, João Eduardo De Gennaro, Jorge Ballan, Manoel da Silva Martins Junior, Mauricio Hachem, Paulo Archias Mendes da Rocha, Raul Ekman Simões e Rodney Guaraldo.

Na trajetória acadêmica, ao menos sete³ desses arquitetos se atuaram como professores e pesquisadores, contribuindo para a evolução do campo da arquitetura através da divulgação do seu conhecimento e formação de novos profissionais. Outros nove⁴ dedicaram-se ao desenvolvimento da arquitetura no Brasil através da participação em gestões do IAB, seja no departamento de São Paulo ou através dos polos regionais. Por fim, de sete deles, nenhuma informação sobre a trajetória profissional foi encontrada, são eles: Antonio C. Cablas (Callet), Carl G. N. Essich, Fernando Augusto Amaral Nunes, Herszech Diamont, Mario Simões Barbosa, Miguel Rinalvo Leite e Renato Amatruda de Carvalho.

3. CONCLUSÃO

A presente pesquisa dedicou-se ao exame das trajetórias dos 57 egressos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie formados em 1954, com o objetivo de compreender seu papel na consolidação do ensino da arquitetura e na conformação de práticas profissionais em um período de intensas transformações sociais, culturais e urbanísticas no Brasil. O problema central — a ausência de estudos sistemáticos sobre os diplomados da FAM — foi enfrentado por meio de um amplo levantamento de fontes institucionais, documentais, genealógicas, de imprensa e bibliográficas. Esse trabalho de coleta e sistematização resultou em um conjunto consistente de informações, que possibilitou a construção de entradas biográficas individuais e, a partir delas, a análise de padrões coletivos.

Os resultados revelaram um grupo heterogêneo e dinâmico de profissionais, que se distribuíram em diferentes frentes de atuação. Uma parte significativa consolidou-se em escritórios privados, inserindo-se em um mercado imobiliário em franca expansão em São Paulo; outros assumiram funções em órgãos públicos municipais e estaduais, participando de políticas de obras e planejamento urbano. Houve ainda aqueles que seguiram carreira acadêmica, contribuindo para a formação de novas gerações de arquitetos em instituições de ensino que se multiplicavam a partir da década de 1950. Alguns, por fim,

³ Bernardo José Castello Branco, Hoover Américo Sampaio, Jorge Nasser, Paulo Archias Mendes da Rocha, Pedro Torrano, Ubirajara Mota Lima Ribeiro e Waldyr Rubens Hungria da Silva

⁴ Abelardo Gomes de Abreu, Alberto Rubens Botti, Alfredo Serafino Paesani, Bernardo José Castello Branco, João Eduardo De Gennaro, Mauricio Hachem, Paulo Archias Mendes da Rocha, Pedro Torrano e Rodney Guaraldo.

desempenharam papel destacado em associações de classe e na produção crítica, participando ativamente dos debates sobre a identidade da arquitetura brasileira.

O estudo biográfico sistemático permitiu também mapear redes de sociabilidade profissional, evidenciando parcerias em escritórios, concursos e projetos institucionais, assim como a circulação entre diferentes centros de formação e atuação. Essas conexões demonstram que a turma de 1954 não apenas integrou-se ao mercado de trabalho, mas também contribuiu para consolidar práticas modernas de projeto e planejamento no Brasil do pós-guerra.

Outro resultado importante foi a organização e cruzamento de informações dispersas em diferentes acervos, o que possibilitou identificar cronologias, vínculos institucionais e inserções sociais até então pouco documentadas. Ao reunir e interpretar esses dados, a pesquisa alcançou uma visão abrangente da turma de 1954, permitindo compreender como sua formação e suas trajetórias expressam o processo de consolidação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie como um dos principais polos de ensino da arquitetura no país.

As contribuições desta investigação são múltiplas: ampliam o repertório historiográfico ao trazer para a cena trajetórias pouco conhecidas; preservam e organizam informações que corriam o risco de permanecer fragmentadas; e demonstram a pertinência do método biográfico coletivo para o estudo da história da arquitetura. Trata-se de um avanço não apenas para a compreensão do papel do Mackenzie, mas também para os estudos mais amplos sobre a formação de arquitetos no Brasil da segunda metade do século XX.

Ainda que o objetivo principal tenha sido alcançado, cabe destacar que o grande volume de nomes investigados não permitiu que fontes de caráter mais subjetivo, como contatos com familiares, entrevistas, busca por acervos e documentos inéditos, fossem exploradas em profundidade. Essas estratégias poderiam revelar nuances particulares das trajetórias e auxiliar na identificação de acervos ainda não institucionalizados. Por esse motivo, indicam-se como sugestão para pesquisas futuras a ampliação metodológica nesse sentido, a fim de enriquecer e complementar os resultados aqui apresentados.

Por fim, o trabalho abre caminhos para novas investigações. Entre eles, destacam-se o aprofundamento de casos individuais particularmente relevantes, a extensão da metodologia para outras turmas, permitindo análises comparativas de longo prazo, e a digitalização sistemática das informações coletadas, de modo a disponibilizar publicamente esse material e fomentar novas pesquisas. Ao cumprir os objetivos propostos, esta pesquisa reafirma a

importância de articular trajetórias individuais às narrativas coletivas, contribuindo para uma historiografia da arquitetura brasileira mais abrangente, rigorosa e plural.

4. REFERÊNCIAS

ALVIM, Angélica; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; ABRUNHOSA, Eduardo Castedo. *Arquitetura Mackenzie: 100 anos, FAU-Mackenzie: 70 anos*. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CONTIER, Felipe de Araujo. *O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Cidade Universitária: projeto e construção da escola de Vilanova Artigas*. São Paulo: FAUUSP, 2018.

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945–1965)*. São Paulo: FAUUSP, 2012.

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005.

FALBEL, Anat. Arquitetos imigrantes no Brasil: uma questão historiográfica. In: 6º *Seminário Docomomo Brasil*, 2016, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Docomomo Brasil, 2016. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Anat-Falbel.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2025.

LORES, Raul Juste. *São Paulo nas Alturas: A revolução modernista da arquitetura e do mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960*. 2. ed.— São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Aeroplano, Iphan, Ministério da Cultura, 2000.

SANTOS, Gabriela; CONTIER, Felipe de Araujo. *Os primeiros egressos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947 – 1950)*. São Paulo: 2024.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1997.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Romano Guerra, 2017